http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pd e/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf. Acesso em: 17 abr. 2021.

TURRA, N.N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. Raega: O espaço geográfico em análise, Curitiba, v. 23, n. 2177-2738, p.340-375, 2011.

VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A PANDEMIA DE COVID-19

PATRICIA MIE MIZUTA ITO

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo propor uma breve discussão e reflexão a respeito dos problemas relacionados à pandemia de Covid-19 e os inúmeros desafios enfrentados pelos estudantes, professores e famílias na tentativa de uma continuidade a uma educação igualitária e de qualidade.

Sabemos da importância da educação na sociedade e o estudo e entendimento de determinados pontos são cruciais para compreendermos o motivo pelo qual a educação brasileira vem passando por dificuldades incalculáveis deixadas pela pandemia.

Repensar sobre a formação inicial e continuada do professor, a valorização da profissão no país, programas que visem a diminuição da desigualdade social, a implementação de tecnologia nas escolas, o repensar na educação como um todo, as consequências físicas e psicológicas deixadas nos estudantes, e muitos outros pontos são fundamentais para que a pandemia não deixe sequelas piores do que as já enfrentadas. Um novo modelo de educação deve ser visto como uma necessidade de mudança no paradigma de ensino, de um modelo totalmente arcaico para um sistema que insira a tecnologia para todas as escolas e que vise o desenvolvimento global de competências e que acolham os estudantes tão afetados pela pandemia, que atendam as suas necessidades para que todos possam conviver em uma sociedade menos fragmentada, mais justa e humana.

Palavras-chave: Educação brasileira, Covid-19, Consequências da Covid-19 na educação brasileira.

1 INTRODUÇÃO

E sem nenhum preparo ou aviso a pandemia nos acometeu. Ela nos atacou de tal modo que todos os setores foram pegos desprevenidos: saúde, economia, segurança e educação.

Diariamente, em todos os veículos de comunicação tornou-se impossível não falarmos sobre esta pandemia que assolou e desolou o mundo todo em virtude do grande golpe que ela provocou e provoca e o país segue tentando se equilibrar nesta corda bamba de incertezas, angústias e perdas.

No que diz respeito à Educação, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

(UNESCO), sabemos que a crise causada pelo Covid-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e universidades, refletindo mais de 90% dos estudantes do mundo. (UNESCO, 2020)

O fechamento temporário foi justificado pois além de proteger crianças e jovens, reduz as chances de que elas se tornem vetores do vírus para suas famílias e comunidades, principalmente para os idosos e demais grupos de risco, visto que em grande parte dos lares brasileiros há convívio entre eles.

Essa situação emergencial na educação brasileira, no entanto, foi realizada de forma distorcida da realidade socioeconômica dos estudantes e suas famílias. Esses responsáveis estão tendo que se equilibrar entre preocupações com o sustento de suas famílias, trabalho, rotina doméstica, ansiedades, medos, educação dos seus filhos e todos são reféns do que mais parece uma disputa de interesses dos que governam e colocou milhões deles em situação de exclusão social e escolar e trazendo desdobramentos que podem agravar ainda mais as desigualdades dos brasileiros.

2 DESENVOLVIMENTO

Sujeitos de direitos matriculados no sistema público de ensino De acordo com o senso escolar em 2019 considerando as escolas públicas e particulares, havia 47,9 milhões de matriculados em todo o país na educação básica. Destes, 38.739.061 estudantes são da rede pública de ensino.

- 1.250.967 alunos da educação especial, que tem direito ao atendimentoeducacional especializado, inclusive os 160 mil que estão em classes exclusivas.
- 157.448 são estudantes indígenas.
- 5.328.818 são estudantes da educação do campo.
- 33.499.551 estão matriculados nas escolas urbanas, incluindo os que vivemem situação de rua.
- Mais de 5 milhões tem entre 4 e 5 anos de idade.
- Cerca de 1.370.000 estudantes tem entre 5 e 10 anos de idade.
- Mais de 10 milhões estão na faixa entre 10 e 14 anos de idade.
- 34% da população de 0 a 3 anos frequenta a creche.
- 93% da população de 4 a 5 anos frequentam a pré-escola.

Efeitos econômicos

Embora o distanciamento social seja necessário, estas medidas têm efeitos colaterais, como o aumento do desemprego, cortes salariais, queda na demanda por serviços informais, o que prejudica a obtenção de renda principalmente entre as famílias mais vulneráveis. Além disso, o fechamento das escolas leva à suspensão de refeições escolares na rede pública, afetando na nutrição dos estudantes das camadas mais pobres e aumentando os gastos das famílias com alimentação.

Apesar de tudo isso, o distanciamento social de acordo com os estudos que analisaram o impacto de outras epidemias no passado, as regiões que adotaram sofrem menos mortes e se beneficiam de uma recuperação mais rápida da economia após a crise. (Correia, Luck and

Vernes, 2020)

Segundo o IBGE, a taxa de informalidade no Brasil é de 41,1% equivalente a 38,4 milhões de pessoas em serviços sem proteção trabalhista.

A renda desses trabalhadores deve elevar o número de crianças e jovens em situação de pobreza. 5,4 milhões de crianças de 0 a 6 anos (29% do total) vivem em domicílios pobres (renda média mensal abaixo de R$250,00).

De acordo com a pesquisa nacional da saúde aproximadamente 50% de todos os portadores de doenças crônicas participaram do mercado de trabalho no Brasil e 4% da população brasileira de 18 anos ou mais eram simultaneamente portadores de doenças crônicas e trabalhadores por conta própria. (Rachel et al.,2020)

Deste grupo de risco, a maioria dos trabalhadores não pode prestar serviços de casa devido ao tipo de atividade profissional que desenvolvem e por não contarem com recursos como computadores e internet com velocidade rápida.

A partir desse número, pergunta-se qual o futuro da educação num mundo abalado pelo Coronavírus?

Efeitos na educação

Antes disso, o Brasil e outras nações já enfrentavam uma crise de aprendizagem, ou seja, não conseguiam oferecer educação de qualidade para boa parte dos estudantes.

Com o fechamento escolar é conveniente pensarmos que isso significa a interrupção do processo de aprendizagem principalmente para os mais vulneráveis.

A ausência de interação entre estudantes e professores rompe o processo de aprendizagem e se a pandemia durar muitas semanas, não será possível recuperarmos o tempo perdido quando as escolas reabrirem. Também se eleva o risco de aumentar as taxas de abandono escolar, especialmente entre os alunos de famílias em situação de alta vulnerabilidade.

A interrupção das aulas também afeta a rede de proteção social pois muitas crianças tem na merenda escolar a única refeição regular e saudável.

Segundo dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 85 milhões de crianças se beneficiam de programas que oferecem merendas escolares na América Latina de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, a FAO.

Cerca de 40 milhões de estudantes são beneficiados pelo programa nacional de alimentação escolar (PNAE) no Brasil, de acordo com os dados físicos e financeiros registrados no site do FNDE até o ano de 2015.

Esta nova forma de “levar a escola até o aluno”, estão sendo desafiadoras para todos os envolvidos. Para os professores que em tempo recorde tiveram que reinventar o seu plano de aula, se aventurando em um universo desconhecido para muitos, o ensino à distância e novas tecnologias. Para os responsáveis, que em meio a um turbilhão de atividades e preocupações, estão assumindo o papel de tutores e educadores de seus filhos. Muitos não fazem ideia do que fazer, estão completamente perdidos.

E por sua vez, dos estudantes que

foram separados de seus colegas de turma, afastados de suas rotinas, e estão se vendo em um novo mundo. Agora, é preciso da união, cooperação e boa vontade de todos para o alcance do objetivo que é passarmos por este período com a menor defasagem possível no ensino para o ano letivo de 2020.

Segundo o PNAD, o acesso à educação de meninos e meninas no país que já era problemático antes com 1,3 milhões de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos fora da escola e um plano nacional de educação decenal (2014 – 2024) escanteado pelo governo federal, com apenas 4 das 20 metas tendo sido parcialmente cumpridas até 2019 continuará sendo um desafio para o futuro.

Educação através do EAD

Frente a toda dificuldade, algumas escolas estão se utilizando de ferramentas para o ensino à distância: vídeo conferências, aula por aplicativos, vídeo aulas, apps, etc.

Precisamos repensar o futuro da educação, incluindo a articulação apropriada entre o EAD e o ensino presencial (UNESCO, 2020). Até porque, muitos no Brasil não tem acesso a computadores, celulares ou à internet de qualidade, uma realidade constatada pela Secretaria de Educação de Estados e Municípios no atual momento, além de um número considerável de professores que precisaram aprender a utilizar plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes à distância e produzir e inserir nas plataformas materiais que ajudam o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online.

Na pandemia, grande parte das escolas e das universidades estão fazendo o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-los ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-los corretamente.

Há ainda outros obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, muitos deles localizados na periferia das grandes cidades, ou zonas rurais. Faltam computadores, aparelhos de telefonia móvel, software e internet de boa qualidade, recursos imprescindíveis para um EAD que resulte em aprendizagem.

No momento atual, muitas escolas, públicas ou privadas, estão exagerando nas expectativas do que professores e famílias conseguem fazer. Há diferenças substanciais entre as famílias, atualmente, em confinamento. Algumas podem ajudar seus filhos a aprender mais do que outras. Fatores como a quantidade de tempo disponível para se dedicar ao estudo dos filhos, auxiliando-os com as aulas online, muitos pais estão em home office cumprindo horário laboral integral e outros tantos precisam trabalhar externamente para garantir a renda mensal, as habilidades cognitivas dos genitores, as possibilidades de acessar o material online, a quantidade de conhecimento inato dos pais pois é algo difícil ajudar o filho se tiverem de aprender algo estranho ou que se conheceu ou aprender. São questões a serem evadas em conta quanto ao papel dos pais na educação dos filhos em tempos de pandemia. Toda essa situação gera um aumento da desigualdade na educação e

no progresso do estudante. (CIFUENTES – FAURA, 2020)

No caso da Educação Infantil, de acordo com o Ministério da Educação, ela atende 8.745.184 crianças, sendo 3.587.292 na creche e 5.157.892 na pré escola correspondente a 34% da população de 0 a 3 anos e 93% de 4 e 5 anos.

Essa frequência aumenta muito entre as crianças de 3 a 5 anos e é um desafio agora com a paralisação ter essas crianças em casa por longos períodos, muitas vezes, sem ter alguém com disponibilidade ou condições para lhes dar atenção ou cuidados necessários. Nesse contexto, há o risco de exposição precoce e demasiada à TV, celulares e tablets.

Estudos mostram ainda que a aprendizagem nesta faixa etária tende a ser fragmentada e descontextualizada quando ela está exposta às telas, sem interações reais.

É notório, do ponto de vista pedagógico, que estamos enfrentando desafios de aprendizado já que nessa faixa etária o ensino advém de experiências concretas e interativas em que aulas mediadas por tecnologias não são suficientes.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, tanto por razões de saúde quanto por razões pedagógicas, o ensino à distância não é um recurso recomendável as crianças na primeira infância. Para os menores de 2 anos, ela recomenda que as crianças não sejam expostas as telas. E para as de 2 a 5 anos uma exposição limitada de 1 hora por dia.

Os números ainda mostram que essa modalidade de ensino não atende à maioria da população mais vulnerável pois normalmente não tem computadores com internet e frequentam escolas públicas que muitas vezes não tem a estrutura para oferecer ensino online.

Parcerias com as Famílias

Não bastassem todas estas dificuldades, os colégios e os professores ainda estão tendo que lidar com a insatisfação de muitos pais, que não aceitam uma ou outra forma de trabalho em equipe, ou que não conseguem acessar as plataformas, ou ainda alegam que, não pagam a instituição para terem que lecionar. Alguns ameaçam cancelar as matrículas das crianças, e outros realmente tiram seus filhos, por acharem que estão pagando por um serviço que não está sendo efetivo, na opinião dos mesmos.

Quem sofre com tudo isso é o aluno, que está recebendo esta carga de tensão vinculada dos responsáveis e a cobrança de resultados pela escola.

Este é um momento em que precisamos unir forças e esforços. Família e escola devem estar na mesma sintonia e com a mesma vontade de fazer dar certo. No processo de ensino em casa, muitos pais ficam em dúvida de como ensinar ou não entendem o que foi proposto pela escola. Dessa forma, a criação de um canal de comunicação direta seria uma forma eficaz de sanar dúvidas surgidas e ajudar estes responsáveis.

Quando necessário, um suporte individualizado para esclarecimento de dúvidas, tanto da parte dos pais quanto dos filhos é fundamental pois somos seres únicos e com necessidades diferentes. É importante que a escola tenha este recur-

so. A assimilação de um conhecimento varia de indivíduo para indivíduo e fazendo desta forma, a instituição mostra que se importa com cada aluno e cada responsável.

Este é um momento em que precisamos estreitar o elo social entre as famílias e escola. As famílias devem estar dispostas a cooperar e ter mais empatia pelos profissionais da educação. Já estes profissionais devem estar atentos aos seus alunos e as reivindicações destes pais ou responsáveis, para que a elaboração de atividades e escolhas das mídias e tecnologias utilizadas, seja inclusivo. Manter a linha de comunicação aberta entre a escola e a comunidade é fundamental para alcançarmos uma educação de qualidade. E apesar de estarmos passando por um momento caótico, existe a possibilidade de termos um ensino mais eficaz possível, alcançado através de medidas como: correta utilização dos meios tecnológicos digitais, um planejamento educacional voltado as necessidades reais dos alunos, considerando seu nível de maturação e desenvolvimento cognitivo e comunicação e interação escola – família.

Impactos do confinamento

Não podemos esquecer que saúde física e mental andam juntos. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da educação básica e seus familiares.

É importante reduzir os níveis elevados de ansiedade, depressão e de estresse que o confinamento provoca em todos (MAIA, DIAS< 2020).

Quando o estresse surge da percepção de um evento ameaçador, estudos apontam que o modelo para lidar com ele envolve o atendimento a três necessidades psicológicas universais que valem tanto para a criança quanto para o adulto (Enumo et al; in press; Skinner & Wellborn, 1994):

- Relacionamento ou senso de pertencimento: trata-se de se sentir aceito ecompreendido pelos outros, ter relações próximas estáveis, seguras e duradouras.

- Competência: sensação de manter o controle da situação de forma eficazpara gerenciar desafios e cumprir metas e objetivos.

- Autonomia: ter a chance de agir e acreditar em sua capacidade de realizartarefas ou tomar decisões, assumindo as consequências do seu próprio comportamento.

Compreender essas relações e emoções é fundamental para ajudar os estudantes a desenvolver a autopercepção, ajudá-lo a criar regras de interpretação de suas experiências e mecanismos para regular suas emoções adequadamente.

Esse momento da pandemia é, portanto, uma oportunidade de estimulá-los a refletir sobre o que estão sentindo e como estão reagindo as diferentes situações.

Não há dúvidas de que o contexto

de estresse ocasionado pela COVID-19 atrapalha a formação desse ambiente familiar propício ao desenvolvimento de jovens e crianças. Em alguns ambientes familiares, que nem sempre são amorosos ou seguros, a situação tende a se agravar. Nos lares em que sofrem com a falta de estimulação adequada ao seu nível de desenvolvimento, violência, maus tratos, negligência e conflitos, práticas parentais com disciplina abusiva e coercitiva, desnutrição, baixa escolaridade, desemprego, instabilidade financeira, alta densidade habitacional no lar, problemas de saúde mental dos pais, entre outros, os problemas existentes podem ser potencializados pelo distanciamento social e pelo estresse.

Exemplo disso é a violência doméstica. Desde o início desta situação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem alertado para o aumento abrupto de casos de violência contra mulheres e crianças (Mlambo – Ngcuka, 2020). São várias formas possíveis de violência contra a mulher: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Em relação as crianças e adolescentes, existem o abuso sexual, os maus tratos físicos e emocionais e a negligência.

O IBGE salienta que 68% dos casos de violência sexual contra a criança e adolescentes ocorreram dentro de casa em 2018, e a maioria dessas vítimas são do sexo feminino. Também relata que 2,4 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos estão em situação de trabalho infantil.

Para cada 3 meses de quarentena, pode-se esperar o acréscimo de 15 milhões de casos de violência doméstica contra a mulher.

A visão de articulação entre as políticas é importante e na era dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODSs) é urgente renovar o foco para a redução das desigualdades e reinventar esforços e mecanismos criativos de conexão com as famílias, ampliando as iniciativas baseadas em evidências científicas e em direitos humanos em prol da sobrevivência, saúde e bem estar de crianças, mulheres, gestantes e famílias.

Importância de boas políticas públicas Quando as escolas reabrirem, e, em algumas partes do mundo, tal evento já começou a ocorrer, a emergente recessão econômica, certamente, aumentará as desigualdades e poderá reverter o progresso obtido por alguns países na expansão do acesso educacional e na melhoria da aprendizagem. Por isso, é necessário que os países reconheçam o problema, o que não fizeram quando a COVID-19 começou a se espalhar pelo mundo e criem políticas voltadas especificamente para a educação.

Conforme a UNESCO, a queda natural na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, tecnologias, formação, metodologias e salários, além do reforço da merenda, melhor aproveitamento do tempo, tutoria fora do horário de aulas e material adicional quando possível (UNESCO, 2020).

Além disso, os secretários de educação e os gestores das escolas precisam pensar na saúde mental de todos, até porque, os professores também estão desgastados e fragilizados. Se os educadores ficarem exaustos mentalmente, e apro-

ximarem-se de um esgotamento físico e mental, não poderão ajudar a si ou aos alunos (MAIA; DIAS, 2020).

Alunos com necessidades especiais, migrantes e refugiados

As crianças com deficiência, especificamente, estão expostas a um maior risco de contaminação pelo vírus por diferentes motivos como inacessibilidade de lavatórios que dificultam a higienização, impossibilidade de manter distanciamento social devido a necessidade de apoio contínuo para atividades de vida diária, possíveis condições de saúde preexistentes, uso de tecnologias assistivas que aumentam a exposição ao risco de contágio, maneiras ao acesso à informação sobre medidas de prevenção e de enfrentamento, dificuldade na compreensão de hábitos de prevenção, etc.

As crianças refugiadas ou migrantes também se mostram particularmente vulneráveis pela situação itinerante em que se encontram. Frequentemente suas famílias se aglomeram em abrigos ou periferias de grandes centros urbanos, locais marcados pelas precárias condições de habitabilidade, sem acesso a saneamento básico ou água potável. Além disso, enfrentam barreiras culturais e linguísticas que dificultam a comunicação entre esses grupos com os profissionais.

No caso das crianças com deficiências, as alternativas propostas pelas escolas, muitas vezes, representam barreiras à continuidade dos estudos. Isso sobrecarrega ainda mais os familiares e cuidadores, que são responsabilizados por criar soluções de acessibilidade adaptadas de material para que as crianças possam acompanhar a turma. Quando isso não ocorre, inviabiliza-se a continuidade dos estudos, aprofundando a desigualdade na educação. Acolher as angústias e a frustração das crianças e suas famílias, é essencial para minimizar as repercussões do provável sentimento de que são preteridas, ou foram deixadas para trás.

É fundamental para elas que as informações sobre a pandemia sejam disponibilizadas com ampla acessibilidade (audiodescrição, legendas, libras, etc), de forma compreensível e apropriada ao estágio de desenvolvimento, com materiais explicativos em linguagem simples, e com diversos formatos, dando preferência a ferramentas de apoio à comunidade que já são por eles conhecidas.

Planejar o dia e mantê-lo o mais próximo possível da rotina habitual podem ser um fator protetivo contra o surgimento de sintomas relacionados a ansiedade e ao estresse.

A exposição das tecnologias de forma passiva não se aplica aos casos de crianças não verbais, que fazem uso da tecnologia como recurso de comunicação suplementar aumentativa. Nestes casos, o livre acesso deve lhes ser garantido, cuidando para que possam brincar também com menor necessidade das telas.

As telas ou o telefone também podem garantir contato importante às crianças refugiadas ou migrantes com seu país de origem, o que pode ser estimulado como estratégias para apaziguar a saudade e o sofrimento nesse momento.

Ainda no que diz respeito ao uso consciente das tecnologias, um alerta im-

portante é que a exposição em ambientes virtuais abre caminho para ação de criminosos sexuais e torna a criança vulnerável para a exploração sexual. Por este motivo, faz-se necessário estar atento aos sites que a criança acessa, acionar o controle parental e o modo restritivo nas páginas de acesso.

3 CONCLUSÃO

Embora o Brasil ainda esteja sendo acometido pela pandemia de COVID-19, é prudente e recomendável que esse vírus fará parte do nosso ambiente por um tempo ainda imprevisível.

O mais rico aprendizado que poderá ficar desse período é o cuidado mútuo entre as pessoas e destes com o ambiente em que vivemos.

Oferecer subsídios para a prática de profissionais que trabalhem junto aos estudantes e seus familiares, buscando auxiliá-los a lidarem com situações desafiadoras que temos enfrentado.

Atenção às demandas específicas de saúde de todos, em especial aos mais vulneráveis, refugiados, migrantes e portadores de necessidades especiais.

As diretrizes para a fase de reabertura das escolas e creches devem ser objeto de uma ampla discussão e busca de entendimento entre diversas áreas de conhecimento, diferentes grupos profissionais e distintos setores de políticas públicas, nos níveis municipal, estadual e federal. Nessa perspectiva, na direção de um planejamento compartilhado, consciente e baseado nos direitos humanos e todas as pessoas envolvidas.

Para que essas condições sejam visíveis nas unidades escolares tanto públicas como privadas, é necessário um trabalho em conjunto das áreas da saúde, educação e assistência social, no sentido de definir os cuidados necessários que deverão ser seguidos no momento de retomada das escolas e creches.

As experiências de crise são também desafiadoras e oferecem oportunidades para o ser humano aprender novas formas de enfrentar as adversidades e ativar processos de resiliência.

Em tempos como esses, em que assistimos diariamente o trágico espetáculo de algo sério como uma pandemia ser friamente transformada em oportunidades para atender interesses econômicos e partidários, as sensíveis sementes estão sendo lançadas em um solo árido demais para germinar. Apesar disso, nós professores mesmo sozinhos e sem qualquer apoio, não nos cansamos de trabalhar para regar e manter vivos os pequenos jardins, pois eles são a esperança de que um dia tenhamos um mundo melhor para todos.

A pandemia tem gerado um intrigante efeito de exaltar questões que já existiam, mas que mantinham certa camuflagem, como a desigualdade social, os males da globalização, a fragilidade dos sistemas e ensino e da saúde.

A nova escola no cenário pós-coronavírus terá que ser mais humana. Terá que aperfeiçoar suas relações com as famílias e acolher e escutar seus alunos, cuidando do seu desenvolvimento integral: corpo, mente e emoções.

É importante estabelecer estraté-

gias para reabertura das escolas considerando zonas de maior e menor risco e criar protocolos de higienização dos espaços antes da ocupação dos estudantes.

Em termos pedagógicos, é crucial avaliar práticas de ensino a distância que podem ser mantidas após a reabertura das escolas, se beneficiando da estrutura posta em funcionamento durante a pandemia.

O Brasil está longe de ser um país igualitário, infelizmente não seremos um país de todos, para todos e com todos enquanto tivermos governantes que não sabem o que realmente significa a educação.

Lutemos por um país que prestigie a educação, a ciência e a tecnologia, pois estas áreas são as únicas capazes de transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto n 6949 (2009, 25 agosto). Dispõe sobre a Convenção Internacional

Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e Seu Protocolo Facultativo, assinados em

Nova York,em 30 de março de 2007. http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/ato2007-

2010/2009/decreto/26949.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP n 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária anual, em razão da Pandemia de Covid-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun.2020.

Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (2020). Recomendações do CONANDA para a proteção integral a crianças e adolescentes durante a pandemia do Covid-19. http://site.cfp.org.br/wp-content/early/2020/04/22/wnl.0000000000009632

Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância: Repercussões da Pandemia de Covid-19 no Desenvolvimento Infantil/ Alícia Matijalvich Manitto... et al; tradução de Melissa Harkin – São Paulo: Fundação Cecília Vidigal, 2020.

CORREIA, S. Luck, S and Verner, E (2020). Pandemics Depress the Economy, Public Health Intervention Do Not: Evidence from the 1918 Flu.

ENUMO, S. R. F., Weide, J.N., Vincentini, E.C.C., Araujo, M.F., & Machado, W.L. Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: Proposições de uma Cartilha. Estudos de Psicologia (Campinas), in press.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (2020). 30 anos da Convenção sobre os direitos das Crianças. http://www.unicef.org/brazil/relatorios/30-anos-da--convenção-sobre-osdireitos-da-criança

Fundo das Nações Unidas para a Infância (2020). Migrantes e refugiados recebem itens de higiene para se proteger do coronavírus. http://www.unicef.org./brazil/comunicadosde-imprensa/migrantes-e-refugiados-recebem-itens-de-higiene-para--se-proteger-docoronavirus

MLAMBO- N Gaika, P. (08 de abril de